



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM- CESITA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIANA FREITAS NASCIMENTO MENDES

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: uma análise com enfoque nas redes sociais

Itapecuru-Mirim
2022

MARIANA FREITAS NASCIMENTO MENDES

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: uma análise com enfoque nas redes sociais

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua portuguesa e respectivas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim - CESITA, como pré-requisito para obtenção do grau em Letras.

Orientadora: Prof^a. Esp. Katiana
Oliveira dos Santos

Mendes, Mariana Freitas Nascimento.

Preconceito linguístico: uma análise com enfoque nas redes sociais /
Mariana Freitas Nascimento Mendes. - Itapecuru- Mirim, MA, 2022.

... 40

Monografia (Graduação) - Curso de Letras Licenciatura, Centro de
Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do
Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Esp. Katiana Oliveira dos Santos.

Elaborado por Giselle Frazão Tavares- CRB 13/665

MARIANA FREITAS NASCIMENTO MENDES

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: uma análise com enfoque nas redes sociais

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua portuguesa e respectivas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim - CESITA, como pré-requisito para obtenção do grau em Letras.

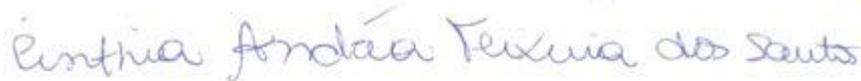
Orientadora: Prof^a. Esp. Katiana Oliveira dos Santos

Aprovado em 05/08/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Esp. Katiana Oliveira dos Santos



**1º Examinador
Cinthia Andrea Teixeira dos Santos**



**2º Examinador
Prof. Me. Arielson Tavares**

A Deus, fonte de amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Supremo, por ter me proporcionado chegar até aqui;

À minha família, principalmente minha mãe Áurea Freitas por todo apoio, compreensão, paciência, por estar sempre ao meu lado e confiando em mim e não permitindo que eu desistisse;

Aos professores desta instituição que sempre estiveram dispostos a ajudar, em especial minha orientadora Katiana Oliveira dos Santos por todo suporte no decorrer da escrita;

Aos meus colegas de turma pelos anos de convivência, especialmente minha amiga Jesiane, pelo incentivo em todos os anos de Curso;

Por fim, sou grata a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente participaram desta minha realização.

Tudo é válido na língua desde que se logre comunicar-se

Machado de Assis

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar o preconceito linguístico presente nas práticas dos internautas que frequentam as redes sociais, reconhecendo a forma de como a variação linguística está sendo tratada em espaços de linguagem nos ambientes virtuais, especificamente em relação ao uso da língua no contexto da página do facebook, intitulada “Português da depressão”. Além do mais, é levada em consideração a popularização das redes sociais que vem trazendo muitas mudanças, principalmente na modalidade escrita, a qual diversas redes, como por exemplo, o Facebook, recebe uma grande adesão de adolescentes, e com essas mudanças, foi se criando o famoso internetês, surgindo uma escrita diferente, com características muito parecidas da modalidade oral. Para isso, foram utilizados como suporte teórico os estudos de Bagno (2003), Coelho (2010), Faraco (2008), entre outros. A metodologia desta pesquisa consiste em um levantamento de dados de cunho bibliográficos, além disso, tratá-se também de uma pesquisa de campo exploratória das redes sociais. E para análise das postagens, será utilizado o método etnográfico, um dos métodos utilizados para coletar dados e realizar o estudo de um determinado grupo social.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Redes Sociais. Variação Linguística.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the linguistic prejudice present in the practices of Internet users who frequent social networks, recognizing the way in which linguistic variation is being treated in language spaces in virtual environments, specifically in relation to the use of language in the context of facebook page entitled "Portuguese of depression". Furthermore, the popularization of social networks is taken into account, which has brought many changes, especially in the written modality, to which several networks, such as Facebook, receive a large number of teenagers, and with these changes, it was creating the famous internetese, emerging a different writing, with characteristics very similar to the oral modality. For this, the studies of Bagno (2003), Coelho (2010), Faraco (2008), among others, were used as theoretical support. The methodology of this research consists of a survey of bibliographic data, in addition, it is also an exploratory field research of social networks. And for the analysis of the posts, the ethnographic method will be used, one of the methods used to collect data and carry out the study of a certain social group.

Keywords: Linguistic Prejudice. Social networks. Linguistic Variation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	13
2.1 Tipos de variações linguísticas	15
2.2 Intolerância linguística.....	17
3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO	20
3.1 Preconceito linguístico no contexto da Sociolinguística variacionista	21
4 A COMUNICAÇÃO NO AMBIENTE DIGITAL	24
4.1 Comunicação digital e o preconceito linguístico	26
5 ANÁLISE DAS POSTAGENS DA PÁGINA DO FACEBOOK “PORTUGUÊS DA DEPRESSÃO”	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana é uma das práticas sociais mais antigas das quais se tem conhecimento. Conforme dados históricos, a escrita foi desenvolvida apenas em 1.500 a. C., pelos sumérios, na Mesopotâmia. Esse ato de representar a língua por meio de códigos estabelece a principal via da linguagem humana para se comunicar na sociedade e nos diversos suportes realizados através dela.

Por outro lado, sabe-se que a língua é o reflexo da diversidade da cultura, portanto, as diferenças dialetais sempre irão existir. Sabe-se também que o processo histórico na qual foi fundado o Brasil é marcado pelos problemas políticos, sociais e econômicos, contribuindo em inúmeros casos de preconceito e discriminação, afetando principalmente as classes estigmatizadas, marginalizadas, sobretudo pelo seu baixo poder aquisitivo e pouca instrução. Muitas vezes, é marcado pelo modo de se expressar, uma vez que sua variedade linguística poderá ser rejeitada pela sociedade. Neste sentido, as redes sociais muito populares nos dias atuais, deram vozes a indivíduos que antes não tinham oportunidade de se manifestarem publicamente. Hoje, virtualmente, todos podem se manifestarem, falarem e escreverem o que quiserem e sobre diversas maneiras.

Destarte, é importante refletir se a internet por meios das redes sociais, de fato é suficiente para firmar a construção de uma sociedade de livre expressão e sem julgamentos, já que vivem envolvidos num contexto social marcado por preconceito em desfavor de quem não se enquadra no padrão social e econômico privilegiado.

A língua é considerada um organismo vivo e dinâmico e engloba uma ampla gama de particularidades na qual requer uma análise de estudo apurada. Por vezes, nas abordagens dos manuais que ensinam a Língua Portuguesa, os aspectos políticos, os fatores sociais, culturais e históricos que influenciam seu uso, são negligenciados, levando a perspectivas limitadas e excludentes em relação ao uso da língua. O preconceito linguístico é um tema importante para entender melhor o uso da língua e de todos os processos sociais que a cercam. Reconhecê-lo, permite em primeiro lugar, o alerta para encontrar formas de combatê-lo. Assim, inicialmente, é preciso entender o conceito de preconceito.

De acordo com Taranto (2016, p. 7), o preconceito seria uma “uma postura ou ideia pré-concebida constituída de certa alienação por ser formada

antecipadamente de forma banal e contrária a tudo que foge dos padrões estabelecidos por uma sociedade". E essa série de ideia constituída antecipadamente, chama-se "discriminação", que, para Grupioni (1995, p. 484), consistiria no "tratamento desfavorável dado arbitrariamente a certas categorias de pessoas ou grupos, que pode ser exercido de forma individual ou coletiva".

A presente pesquisa aborda o preconceito linguístico presente na sociedade diante dos avanços tecnológicos, através de análises de postagens feitas na página do *facebook* intitulada "Português da depressão", com objetivo geral de observar o preconceito linguístico presente nas práticas dos internautas que frequentam as redes sociais. Será uma pesquisa de cunho bibliográfico, além disso, tratá-se também de uma pesquisa de campo exploratória das redes sociais. E para análise das postagens, será utilizado o método etnográfico, um dos métodos utilizados para coletar dados e realizar o estudo de um determinado grupo social.

A escolha do tema justifica-se por acreditar que a língua, um instrumento importante de interação social, é marcada por aspectos de cunho social, sendo resultado das relações sociais, partindo do ponto de que "a língua é em si o conjunto das variedades" (FARACO, 2008, p. 71). Em concordância com o autor, é notável como a valoração dada a cada uma das variedades da língua está embasada não apenas em questões linguísticas, mas também em questões históricas e sociais, além de demonstração de respeito ao semelhante, o que configura condição imprescindível para uma vida com harmonia social. Desse modo, discute a forma de como se realiza a linguagem nesse espaço e como os usuários demonstram o seu entendimento a respeito do próprio sistema linguístico, bem como se comportam diante de enunciados diversos, revelando o que se entende como preconceito linguístico.

O presente trabalho é desenvolvido em 6 (seis) capítulos. No primeiro, apresenta a introdução e trata sobre o desenvolvimento do trabalho e como está dividido. No segundo, discute sobre a variação linguística, destacando os tipos e a intolerância linguística. No terceiro capítulo, se trata do preconceito linguístico, dando ênfase à sociolinguística. O quarto capítulo é dedicado à comunicação no ambiente digital, relacionando-a com o preconceito linguístico. No quinto capítulo, apresenta as observações de postagens na rede social "português da depressão" e no sexto capítulo, apresenta as considerações finais desta pesquisa.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Estudos mostram que a expressão “variação linguística” passou a ser usado com frequência desde a década de 1960, para referir-se ao fenômeno a qual naturalmente ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua, no que diz respeito às diversas possibilidades de mudanças dos elementos, como vocabulário, pronúncia, ou sintaxe. Isto porque as características da língua são dinâmicas e variam de acordo com o sexo, idade, classe social e a região geográfica do falante.

Quando a língua passa por transformações que deixam clara suas variações, são consideradas por muitas pessoas como forma errada de utilizá-la. Isso ocorre provavelmente pelo simples fato de que muitas vezes,

As pessoas que vivem em sociedades com longa tradição escrita, com história literária de muitos séculos e sistema educacional organizado se acostumaram a ter uma ideia de língua muito influenciada por todas essas instituições. Para elas, só merece o nome de língua um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que foram cuidadosamente selecionadas para compor o que vamos chamar de norma-padrão, isso é, o modelo de “língua certa” [...] Portanto, o que se convencionou a chamar de “língua” nas sociedades letradas, é, na verdade, um produto social, artificial, que não corresponde àquilo que a língua realmente é. (BAGNO, 2007, p.35).

Para entender melhor o conceito de variação linguística, primeiramente é preciso compreender o termo variação. Figueiredo (1945, p.2178) apresenta uma definição bastante esclarecedora a esse respeito do termo e ao mesmo tempo mostra a correlação com o vocábulo variante.

Variação - 1. ato ou efeito de variar. 2. Modificação, variante. 3. Mudança. 4. Inconstância ou variedade de princípios, de sistema etc. Variante - [...] 2. Cada uma das formas diferentes por que um vocábulo pode apresentar-se. 3. Variação. 4. Diferença, diversidade, modificação. . (FIGUEIREDO 1945, p.2178).

No campo da língua, o termo variação é a existência de mais de uma forma de expressar a língua dentro de um único sistema linguístico, nesse caso, o da língua portuguesa. Representa a diversidade e também a diferença entre a fala dos indivíduos. Conforme Calvet (2002, p.89) variação linguística é a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado.

Uma questão básica da sociolinguística é que a língua continuamente sofre variações e tais variações linguísticas ocorrem na fala das pessoas e é perceptível ao se analisar a língua no tempo, não havendo como ignorar esse fato. No entanto, não deveria existir discriminação no estudo das línguas e deveriam ser

consideradas para estudo todas as variantes, inclusive os fenômenos influenciados por fatores linguísticos e extralinguísticos de várias ordens.

Sobre as variações linguísticas, Mollica (2003, p.11) apresenta a seguinte classificação:

No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva).

Gerald (1997, p.35) acrescenta ainda a variedade linguística como o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades, existe alguma diferença de status ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem. Sendo assim, a língua é espelho e reflexo da sociedade e, conseqüentemente às mudanças que acontecem na sociedade também acontecem na língua conforme a necessidade comunicacional.

Quando se trata da influência das mudanças interagindo com as transformações da língua, compreende-se que todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades dos seus usuários.

Porém, infelizmente, no Brasil, ainda persiste a ideia da existência de uma única língua, desconsiderando a imensa diversidade do português falado nos quatro cantos do país. Isso se faz notável no contexto escolar, onde se perpetua um ensino de cunho tradicionalista, pautando-se no ensino da gramática prescritiva/norma padrão e suas regras maçantes, ao impor o seu ensino nas escolas como se fosse a única forma correta, não levando em consideração as demais variantes.

O professor Marcos Bagno, considerado um dos maiores estudiosos da língua portuguesa e dos preconceitos que a cerca, expõe alguns mitos a respeito da língua. Dentre eles, relacionado a esse assunto, destaca-se o mito nº1, “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Na qual ele desenvolve uma observação de cunho crítico:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2006, p.15).

A crença na unidade linguística pode ser prejudicial ao ensino. A ideia de uma língua homogênea pode abrir lacunas para o acontecimento de alguns fatos

que aumentam mais ainda o abismo existente entre a língua e a realidade dos indivíduos, como exemplo, a prática do preconceito linguístico, além do retrocesso e estagnação que isso acarreta.

O ideal seria se as instituições de ensino quando forem promover o ensino da língua materna, fizessem um ensino de língua portuguesa ultrapassando o limite da norma culta e pautando-se em múltiplas variedades linguísticas, mostrando o aspecto positivo e permitindo ao aluno um maior arcevo linguístico.

Sobre o ensino da língua, esclarece Soares (2000, p.32):

Me parece muito mais interessante estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as *variedades linguísticas*, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

Com a prática do ensino da língua ampliada abrangendo as múltiplas variedades linguísticas, o respeito à língua de todos os falantes seria valorizada, diminuindo a incidência das práticas de discriminação e preconceito para com as outras variedades que diferem da norma padrão.

2.1 Tipos de variações linguísticas

As variações existem e são resultantes da influência de valores extralingüísticos. Algumas estão mais sujeitas ao preconceito linguístico, uma vez que estão associadas a determinados grupos sociais, como por exemplo, o caipira, o nordestino, o homem da roça, ou seja, grupo de pessoas que em algum momento da história foram segregadas da sociedade.

Concomitante à variação linguística, Cunha e Cintra (1985, p.3) apresentam algumas formas das variações com base nas diferenças classificadas por eles como diferenças internas, sendo elas:

- 1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
- 2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁSTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);
- 3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

Assim, compreende-se que as variações ocorrem de acordo com alguns

componentes, como por exemplo, relação histórica, regional, social e situacional dos indivíduos.

Para Coelho (2010, p. 13) a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções ocorridas ao longo do tempo, portanto, como algo mutável e dinâmico. Percebe-se isto nos livros mais antigos, onde era usado o pronome de tratamento “vossa mercê”, passando a ser chamado de “vosmecê” e evoluiu mais ainda chegando no “você”, nos dias atuais. Isso só mostra o quanto à língua muda, sempre foi assim, talvez antes tais mudanças fossem percebidas com menos frequência do que hoje.

Quando a mudança tem relação diatópica, regional ou geográfica, é aquela onde identifica com bastante precisão a origem de uma pessoa através do modo como ela fala (COELHO, 2010, p. 76).

No território brasileiro existem muitas palavras usadas em regiões diferentes, mas que possuem o mesmo significado. Por exemplo, açaí e juçara são palavras diferentes, porém representam o mesmo fruto, quem conhece o fruto no Estado do Pará aprende que o nome é açaí, já no Maranhão é mais conhecida como juçara. No entanto, as duas palavras são diferentes, mas nomeia a mesma coisa.

Até mesmo o sotaque ou variação fonética do “R” e do “S” se encaixam nesse tipo de variação, por exemplo, o carioca fala com sotaque diferente do paulista, que por sua vez é diferente do maranhense ou do mineiro. Portanto, mesmo todos morando num mesmo país, apresentam marcas diferentes na fala.

Ainda tem a variação social ou diastrática, “onde a fala pode refletir diferentes características sociais dos falantes”, Coelho (2010, p. 78). Esse tipo de variação está relacionada a diversos fatores, como: classes sociais ou nível socioeconômico, ou seja, quanto mais cultura a pessoa tem acesso, de maneira mais formal ela irá se comunicar; gênero: onde observa que homens e mulheres, jovens e idosos, se comunicam de forma diferente. Nos grupos sociais, cada um tem sua maneira de se comunicar, os surfistas, nerds, skatistas, médicos, advogados, usam suas próprias gírias, termos específicos e linguagem própria para efetivar a comunicação.

E por fim, variação situacional ou de estilo, que está relacionada ao uso da língua, ao que é adequado e não adequado para diversas ocasiões, onde o uso da língua da norma coloquial é diferente da norma culta, e por sua vez tem mais prestígio social. Assim, as palavras usadas em uma conversa informal entre amigos

se modificam quando a conversa é num ambiente mais formal, como por exemplo, uma audiência no fórum.

Por outro lado,

(...) sabemos que a escrita, por geralmente estar associada a ambientes de maior monitoramento linguístico, costuma impor a seus produtores regras mais rígidas de conformidade às formas da variedade padrão. (...) ainda assim na escrita encontramos formas mais ligadas às variedades de prestígio. Na fala, encontramos formas mais ligadas à linguagem coloquial. (COELHO, 2010, p. 85).

Dado a importância do tema em análise, não é redundante falar que todas as variações da língua são importantes, porém, poucas são estudadas e conhecidas como variação, pois muitas vezes algumas variações são estigmatizadas no próprio estudo língua.

Neste sentido,

As relações sociais fazem com que as variantes linguísticas sejam denominadas como variantes de estigma ou variantes de prestígio, de acordo com os falantes que as utilizam (...) Dessa maneira, os valores das variantes linguísticas são atribuídos socialmente, de acordo com o patamar ao qual pertence cada falante, mais precisamente, quanto maior for a escala socioeconômica e o grau de escolarização dos falantes, maior será o prestígio das variantes linguísticas usadas por eles. (LIMA 2019, p. 30).

Quando acontece o menosprezo pela maneira com que o outro fala, acontece então o preconceito linguístico, um julgamento desrespeitoso e humilhante da fala do outro. O importante é compreender que mesmo havendo erros gramaticais, se houve comunicação efetiva, o papel da língua foi cumprido.

2.2 Intolerância linguística

O ser humano, como um ser social, possui a necessidade de se comunicar com seus semelhantes, expressando assim seus pensamentos e emoções. Para isso, utiliza-se como meio, a língua. No entanto, muitas vezes, depara-se com preconceitos que o envergonham do uso livre dessa língua adquirida no convívio familiar e comunitário, forçando-o a usar uma nova forma de expressar-se que seja condizente com a norma culta de seu idioma.

No Brasil, no que se refere à língua ou idioma, o preconceito materializou-se inicialmente com a negação da língua dos povos nativos que foram obrigados a abandonar seus dialetos próprios e se expressarem utilizando o idioma português, ou seja, desde o início da história houve a valorização da língua da classe dominante em detrimento da língua da classe dominada.

Assim, é fácil deduzir que,

Os discursos em prol da pureza do idioma estão associados a um forte preconceito (linguístico) em vigor em nosso país desde a época da colonização; discurso esse que se sustenta na premissa de que há apenas uma forma (correta) de falar/ escrever português, forma essa denominada norma culta que de tão amplamente difundida pela escola, assumiu a condição de norma-padrão. (BAGNO, 2003, p. 76).

Além disso, houve a sistematização de uma forma de escrever e de falar, aceita como única forma correta de comunicação da língua portuguesa. Com isso, todas as formas que se distanciavam desses padrões passaram a ser consideradas erradas e inaceitáveis.

Com a imposição da Norma-padrão, todas as demais variações linguísticas existentes no país passaram a ocupar lugar de inferioridade ou de menos valor.

Portanto, é importante refletir:

Até agora, falamos das variedades geográficas: a variedade portuguesa, a variedade brasileira, a variedade brasileira do Norte, a variedade brasileira do Sul, a variedade carioca, a variedade paulistana. Mas a coisa não para por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades: de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc. (BAGNO, 2008, p. 20).

Todas estas manifestações de variações linguísticas envolvendo a língua portuguesa apresentam interações discursivas com pessoas de diferentes classes sociais, podendo se moldar de acordo com os interlocutores e ao contexto no qual estão inseridos, adquirindo traços e marcas linguísticas dessa comunicação social.

Assim se explica a desmistificação da existência de língua única e que estão longe de serem mortas, pois estão em constantes movimentações e renovações, como no caso da Língua Portuguesa, conforme Bagno (2008, p. 18) argumenta:

Primeiro, no Brasil não se fala uma só língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos, etc.

Um dos principais estudiosos na Língua, Bagno (2010, p. 28), afirma que na Língua Portuguesa, o português-padrão falado por pessoas que detêm o

poder e estão nas classes sociais mais privilegiadas é uma pequena minoria da população do Brasil, enquanto o português que é considerado não padrão é a língua da maioria dos pobres e dos analfabetos do Brasil.

Importante sempre registrar que todo indivíduo ou grupo de indivíduos é detentor de um papel ou função e participativo de uma camada na esfera social, os quais refletem no seu modo de se expressar. Desta forma, a obrigatoriedade de utilização da variedade padrão como forma exclusiva de comunicação, é um desrespeito às demais variedades linguísticas.

Assim, percebe-se que:

[...] a língua das crianças pobres e carentes que frequentam as escolas públicas. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil – País que tem a pior distribuição da riqueza nacional em todo mundo – O PNP é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado ‘feio’, ‘deficiente’, ‘pobre’, ‘rude’, ‘tosco’, ‘estropiado’ (BAGNO, 2010, p. 28).

A intolerância é um comportamento comum nos ambientes sociais, mostrando que o preconceito linguístico se entrelaça numa concepção adquirida previamente sem o conhecimento ou informação suficiente a respeito da ocorrência do fenômeno envolvido, revelando o desconhecimento da Sociolinguística e das variedades linguísticas.

Esclarecendo esse assunto, declara Leite (2008, p.22)

O preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia, pode ser uma rejeição, um ‘não-querer’, um ‘não-gostar’ sem razão, amorfo, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento ideias, valores, opiniões e práticas.

A intolerância difere do desconhecimento, expressando atitudes ou crenças contrárias à convicção do indivíduo, para ele não aderir opiniões estando vinculada aos valores culturais aceitáveis por determinados grupos sociais, gerando sentimentos de ódio, agressividade e superioridade ao modo de agir e de se expressar.

3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

No que se refere à língua ou idioma, o preconceito linguístico apresentou-se inicialmente no Brasil com a negação da língua dos povos nativos, obrigados a abandonarem seus dialetos originais e a se expressarem utilizando o idioma português introduzido pelo povo português que chegou e se instalou.

Posteriormente, somado a todas estas questões, ocorreu uma espécie de padronização da forma de escrever e de falar, eleita como única forma correta de comunicação da língua portuguesa, formando um negativo juízo de valor em relação às pessoas que falam variações do mesmo idioma.

O território brasileiro é extenso e habitado por povos que possuem culturas variadas, como os indígenas e os imigrantes oriundos de outros países. Por outro lado, há também muita diversidade social e regional favorecidas para as muitas variações existentes no país.

Em virtude desses aspectos, falam-se no país muitas línguas indígenas e gírias. Somado a tudo isso, ainda tem as chamadas “línguas técnicas”, os falares comuns a determinadas profissões, por exemplo, o “linguajar” médico; o “linguajar” jurídico, entre outros. Contudo, não se pode acreditar em uma única unidade linguística na língua portuguesa falada no Brasil.

Neste sentido, Soares (2000, p. 82-83) afirma:

Dialeto padrão: também chamada norma-padrão culta, ou simplesmente norma culta, é o dialeto a que se atribui, em determinado contexto social, maior prestígio; é considerado o modelo – daí a designação de padrão, de norma - segundo o qual se avaliam os demais dialetos. É o dialeto falado pelas classes sociais privilegiadas, particularmente em situações de maior formalidade, usada nos meios de comunicação de massa (jornais, noticiários de televisão, etc.) ensinado nas escolas, e codificado nas gramáticas escolares.

Neste contexto, todas as formas que se apresentavam diferente desses padrões, passaram a ser consideradas erradas e inaceitáveis, ou seja, ainda que o falante usasse uma língua materna ou dialeto usado por toda sua comunidade, não servia mais, pois estava distante da língua eleita como padrão.

Sobre esse assunto, Bagno (2003, p. 76) apresenta o seguinte argumento:

Os discursos em prol da pureza do idioma estão associados a um forte preconceito (linguístico) em vigor em nosso país desde a época da colonização; discurso esse que se sustenta na premissa de que há apenas uma forma (correta) de falar/ escrever português, forma essa denominada norma culta que de tão amplamente difundida pela escola, assumiu a condição de norma-padrão.

A língua faz parte do processo de comunicação social, no Brasil é usado o português como língua oficial em todas as regiões geográficas. No entanto, assim como a população brasileira é baseada na miscigenação dos povos, não seria diferente com a língua que sofreu diversas influências. A língua portuguesa falada no Brasil ganhou dimensões especiais e cada região tem sua própria fala individualizada dada pelo seu sistema linguístico original.

Não se sabe o critério utilizado para eleger e considerar uma norma padrão, enquanto as demais passaram a ser consideradas inferiores. Fica evidente que a norma padrão não conseguiu extinguir os vários falares de uma mesma língua que se diferenciavam em cada grupo social, além de não perceber variações também em função da faixa etária, grau de escolaridade, gênero etc, como diz Bagno (2008, p. 20):

Até agora, falamos das variedades geográficas: a variedade portuguesa, a variedade brasileira, a variedade brasileira do Norte, a variedade brasileira do Sul, a variedade carioca, a variedade paulistana. Mas a coisa não para por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades: de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc.

A valorização das diferentes palavras e seus respectivos significados criados no território brasileiro pode ser algo que identifica o indivíduo ou a qual grupo social ele pertence, mas também pode se tornar elemento discriminatório para determinado falante da língua. Neste sentido, faz-se necessário valorizar as diferenças culturais ou sociais, pois todas fazem parte de uma mesma sociedade.

3.1 Preconceito linguístico no contexto da Sociolinguística variacionista

O surgimento da Sociolinguística variacionista remonta aos Estados Unidos a partir dos estudos de William Labov. Tem por objetivo o estudo das mudanças e variações existentes na língua, podendo mudar com relação ao tempo, variar quanto ao espaço e ainda existirem variações com base na situação social em que o indivíduo se encontra (BAGNO, 2004, p. 43). Conforme Mollica (2003, p.9,10):

A sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.[...] A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação [...]

A função da linguagem tem sido observada e estudada pela ciência conhecida há décadas como sociolinguística variacionista. O estudo desta ciência leva em conta a enorme diversidade de expressões linguísticas, isto é, suas variantes. Essa diversidade pode ocorrer por muitos motivos, como regionalismo, cultura, formação histórica, etc. Além disso, situações diferentes também podem exigir formas diferentes de falar.

Na década de 60, nos Estados Unidos, Labov estuda a Linguística variacionista. Essa abordagem enxerga uma simetria nas variações observadas nas línguas. Sobre o assunto, Cezario e Votre (2008, p. 142) afirmam que “a abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia”.

Nesse sentido, a sociolinguística variacionista comprova por estudos que as variações observadas na língua não acontecem por acaso, naturalmente e sem nenhum propósito específico, mas são motivadas por diversos fatores, pois a língua como todo organismo vivo está em constante evolução, passando por mudanças, de modo que estão modificando a forma e o meio de se comunicar a todo instante. Portanto, surge a variação linguística, uma capacidade da língua se transformar e se adaptar.

Bagno (1999, p. 20) declara a língua como um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma padrão.

Como já foi dito, a variação linguística é a diversidade observada na utilização verbal ou escrita da língua. Tais variações podem acontecer por diferentes motivos, como por exemplo, o regionalismo. A comunicação verbal acontece de maneira própria e se comparada com as regras, à diversidade percebida principalmente na oralidade, é considerada como variação da língua ou variação linguística, confundindo muitas vezes com erro no uso da linguagem.

Por outro lado, se considerado a heterogeneidade de cada sociedade, é fácil concluir que a língua como meio de comunicação também será heterogênea, derrubando qualquer ideia de unicidade em torno da língua.

Assim como afirma Bagno (2007, p. 03)

a língua, na concepção dos sociolinguístas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”. Por isso para a sociolinguística, a língua molda-se de acordo com a necessidade de comunicação do falante, evoluindo com a sociedade.

A sociolinguística é a ciência que observa a língua como ela de fato se desenvolve e se estabelece. Preocupa-se em observar as línguas com todas as suas transformações e adaptações.

Para Cezario; Votre (2008, p. 141)

a sociolinguística é uma área que estuda a língua em uso real, levando em consideração as relações entre estrutura lingüística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Por isso, para a sociolinguística “a língua é uma instituição social.

Assim, toda e qualquer variação na língua é de interesse da sociolinguística, no entanto, é importante destacar a linguística como precursora da sociolinguística, pois os linguistas já estudavam a língua e sua função social e cultural.

Como já foi discutido, dentro dos estudos da sociolinguística sobre o processo de variação, destacam-se três tipos de variações linguísticas apresentadas por Cezario e Votre (2008): a regional refere-se à localização geográfica do falante; a social compreende a classe socioeconômica associada a idade, escolaridade e outros elementos sociais; e a variação de registro, que considera as exigências do contexto no qual determinada comunicação acontece.

Ao relacionar e discutir a existencia de possíveis variações linguísticas, a sociolinguística amplia a discussão sobre o tema e colabora ainda mais para o ensino da língua e a diminuição da intolerancia, assim como do preconceito liguístico tão presente na atualidade.

4 A COMUNICAÇÃO NO AMBIENTE DIGITAL

Na Comunicação digital, a Internet não é apenas um meio de acesso à informação. O diálogo existente entre máquina e usuário é interativo. Não é apenas a ligação entre milhares de computadores, é um elo entre pessoas diferentes que podem ou não se conhecer, é a ferramenta de conexão de relacionamentos. É comum identificar tecnologia de modo geral apenas como ferramenta, máquina a ser operada pelo homem, indicando certo dualismo, simplificando o homem apenas como o operador da máquina e este como mero instrumento à mão. Porém, essa perspectiva não alcança a importância que a tecnologia tem para a existência humana (MCLUHAN, 1979).

Segundo Santos; Vidotti (2009, p. 1)

[...] a tecnologia inclui a totalidade da nossa cultura material, e não apenas ferramentas e máquinas [...] reflete o modo de pensar e os valores de cada cultura e de cada sociedade.” Enfim, “ela é a formadora do ambiente concreto da sociedade, pois se refere a todo segmento do universo físico socialmente apropriado.

A internet tornou-se nos últimos anos uma ferramenta dinâmica, de modo que não mais navegam em páginas sem movimentação como em sua fase inicial, mas sim em um conteúdo interativo, no qual interagem frequentemente com a presença do outro. São mais do que observadores ou receptores de informações que estão prontas. Ao contrário, interferem, criticam, elogiam. Pois,

Os meios todos nos processam completamente. São tão penetrantes em suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais que não deixam em nós nenhuma parte intocada, não afetada, inalterada. [...] [assim], nenhuma compreensão da mudança social e cultural é possível sem um conhecimento de como os meios operam como ambientes. (MCLUHAN; FIORE, 2011, p. 26).

Na comunicação digital há espaços destinados a comentários em sites de notícias, em sites para negociação on-line, ou mesmo em sites destinados a entretenimento, há enciclopédias colaborativas como a Wikipédia. Pode-se comentar sobre vídeos disponíveis feitos por pessoas comuns e disponibilizados no Youtube e principalmente nas redes sociais, como facebook, Instagram, entre outras tantas existentes na atualidade.

São numerosas as mudanças promovidas pela internet com qualquer um, em qualquer lugar. Qualquer pessoa pode criar um conteúdo e transmiti-lo para milhares de pessoas. Isso revolucionou as mídias, pois agora o poder de estabelecer comunicação com muitas pessoas não está mais apenas nas mãos das

grandes empresas. Um bom exemplo desse fenômeno é o caso dos cantores e compositores que podem divulgar seus trabalhos na internet e eventualmente, chegar ao sucesso.

Os dispositivos tecnológicos por sua vez também contribuem cada vez mais para um grande número de pessoas conectadas, de modo que:

Não podemos mais tratar as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) como recursos, artefatos, ferramentas, e, sim, como elementos incorporados ao mundo. Estamos conectados o tempo todo por computador de mesa, notebook, laptop, smartphone, tablet, entre outros. As tecnologias da Informação e da Comunicação fazem parte de nossa vida, assim como outros itens que são essenciais para a nossa manutenção em uma sociedade civilizada e globalizada (GRIEBLER, 2012, p. 1).

No entanto, mesmo com toda inovação no Brasil, muitos usuários só conseguiram ter acesso recentemente devido ao fato de que muitos não podiam pagar pela internet ou ainda comprar aparelhos caros, como computador e telefone para se conectarem ao ambiente virtual. Contudo, popularização da internet móvel, o acesso aos planos de internet pré-pagos permitiu ainda mais acessos.

Atualmente, podem perceber a presença de todas ou quase todas as classes sociais no ambiente digital. O indivíduo de baixa renda, com pouca ou nenhuma escolaridade marca presença, se informa e se comunica através das redes sociais na internet, pois o ciberespaço possibilita uma forma de exposição de ideias de forma descompromissada com o que é publicado. Fato que facilita o surgimento de mensagens preconceituosas, pois em tese, não há receio de punição, assim como a exposição de pessoas que não domina a língua culta e mesmo assim se expressam por meio das redes sociais.

O Ciberespaço, fruto das telecomunicações e da Informática, agrega vários atributos dos suportes anteriores. Mas, para, além disso, a Web tem a peculiaridade de fundir vários meios, incorporá-los em sua fisiologia e cultura (MONTEIRO, 2007). É importante saber que:

[...] hoje vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de comunicação e de cultura, em um caldeamento denso e híbrido: a comunicação oral que ainda persiste com força, a escrita, no design, por exemplo, a cultura de massas que também tem seus pontos positivos, a cultura das mídias, que é uma cultura do disponível, e a cibercultura, a cultura do acesso (SANTAELLA, 2003, p. 27-28).

Aspecto importante do Ciberespaço é o de propiciar o retorno das formas antigas de transmissão: a oralidade e os diálogos entre pequenos grupos são retomados pelo uso dessa tecnologia.

A escrita da internet na concepção de Fiorin (2008, p. 5), é marcada pela simplificação, em que consiste evitar o uso de letras maiúsculas, deixar de lado muitos sinais de pontuação e não grafar todas as letras, principalmente as vogais. Além disso, é importante observar uma ortografia totalmente diferenciada, onde se preza pelo uso do menor número de letras possíveis, substituindo grupos gráficos por sons equivalentes (aqui por aki), muitas vezes eliminando os sinais de pontuação e outras convenções gráficas quando não houver dificuldade de leitura e descartando letras quando a palavra puder ser lida sem elas sem nenhum problema, por exemplo: beleza por blz; hoje por hj; todos por tds; risos por rs ou kkk.

Por outras vezes, a linguagem carrega muita semelhança com a linguagem oral, valendo-se de “alongamento” de vogais para indicar ênfase, como por exemplo, ameeeeeei. Ou ainda o uso de letras maiúsculas para destacar algo e indicar que está elevando o tom de voz, por exemplo: ela é LINDA.

4.1 Comunicação digital e o preconceito linguístico

A comunicação digital pode ser entendida com a soma de métodos e ferramentas de comunicação aplicada em rede mundial de computadores, redes sociais e dispositivos móveis. Esse tipo de comunicação já é uma realidade da sociedade.

A rede mundial de computadores pode ser compreendida como “uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades” (CASTELLS, 2003, p. 100). Portanto, a presença das tecnologias digitais no cotidiano tem gerado várias mudanças nas formas como são interagidas e comunicadas. Essas mudanças mostram que não basta apenas desenvolver um letramento em que o suporte seja apenas impresso; precisa-se, conforme diz Coscarelli (2016) saber:

[...] vivemos novos tempos, novos letramentos. Ser letrado hoje não é garantia de que seremos letrados amanhã, uma vez que as novas tecnologias se renovam continuamente, exigindo leitores e produtores de textos experientes em várias mídias. As escolas precisam preparar os alunos também para o letramento digital, com competências e formas de pensar adicionais ao que antes era previsto para o impresso. (COSCARELLI, 2016, p. 17).

Por outro lado, na sociedade, as redes sociais são um dos mais importantes locais de propagação de informação e manifestação pública de ideia. Constituem-se e adquirem visibilidade por meio de *sites* e aplicativos, promovendo a

circulação de textos criados especialmente para o meio digital ou ainda textos nas mídias convencionais.

Se analisar o modo como se constitui o funcionamento da internet, é possível perceber um mar de linguagens. Têm as linguagens da programação de computadores, as linguagens técnicas específicas dos aparelhos, a linguagem técnica de construção dos sites, etc. Todas essas linguagens, apesar de servirem para a comunicação entre computadores, têm o ser humano como finalidade principal.

É por isso que apesar de inovadora, a internet não precede ou substitui o mundo “real”, mas está a serviço dele. Com uma grande quantidade de humanos interconectados, elaborando textos, discutindo, comentando e produzindo diversas imagens ou hipermídias, é natural reproduzir certos conflitos ocorridos na sociedade, uma vez que a internet se apoia principalmente na linguagem escrita. Neste sentido, surge um espaço de contato entre humanos com algumas particularidades que propiciarão a evidência de alguns tipos de preconceito.

Os dispositivos tecnológicos por sua vez também se tornaram cada vez mais pessoais e conectados, de modo que:

Não podemos mais tratar as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) como recursos, artefatos, ferramentas, e, sim, como elementos incorporados ao mundo. Estamos conectados o tempo todo por computador de mesa, notebook, laptop, smartphone, tablet, entre outros. As tecnologias da Informação e da Comunicação fazem parte de nossa vida, assim como outros itens que são essenciais para a nossa manutenção em uma sociedade civilizada e globalizada (GRIEBLER, 2012, p. 1).

Dessa forma, muitas dessas práticas discursivas nas redes sociais recebem adesão de muitos usuários de todas as idades, dentre eles adolescentes e jovens em idade escolar e, no entanto, tais usuários sofrem considerável estigma por parte de instâncias intituladas como reguladoras do uso da língua portuguesa.

A escrita no ambiente digital mais do que a oralidade na interação face a face, torna-se um mecanismo de auto exposição, assim como outros aspectos relacionados dos usuários, como, por exemplo, as vestimentas, o ambiente frequentado; a popularidade, etc. Pois, as camadas privilegiadas economicamente e socialmente zelam pelo uso da língua padrão a que tem acesso.

Por outro lado, sabe-se que a língua é social e está em constante mudança. Dessa forma, o preconceito linguístico é também um preconceito social, pois quando um falante nativo é acusado de não falar “corretamente” a sua própria

língua, a identidade daquela pessoa e da sua comunidade linguística também é atingida.

Quando a língua passa por transformações que deixam evidentes as suas variações, são tratadas por muitas pessoas como formas erradas de utilizá-la, o que não constitui uma verdade absoluta.

Em regra, pessoas que vivem em sociedades com extensa tradição de escrita, com história literária de muitos séculos e sistema educacional sistematizado, se acostumaram a ter uma ideia de língua muito influenciada por todas essas instituições. Para elas, só é chamado de língua, aquele conjunto particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais cuidadosamente selecionadas para compor a norma-padrão, isso é, o modelo de “língua certa” [...] Portanto, o que se convencionou a chamar de “língua” nas sociedades letradas, é, na verdade, um produto social, artificial que não corresponde àquilo que a língua realmente é (BAGNO, 2007, p.35).

O ser humano possui a necessidade de se comunicar com o próximo. Para isso, ele utiliza como meio, a língua. No ambiente digital, a comunicação é direta, versátil e dinâmica. Para Faraco (2008, p. 17):

Nada mais é do que uma espécie de taquigrafia. É apenas um modo de grafar a língua que se tornou necessário nos chamados chats. Quando escrevemos, não conseguimos acompanhar o ritmo da fala. Por isso, inventamos esses sistemas taquigráficos, estenográficos e assemelhados. Foi exatamente o que aconteceu nas conversas na Internet.

Nesse sentido, é possível averiguar no dia a dia da navegação pela rede mundial de computadores uma quantidade razoável de páginas, as chamadas *fanpages*, e grupos do *Facebook*, ao lado das postagens nas *timelines* dos usuários em geral, se comportando como mecanismo de ensino informal dos usos da língua. A internet tornou-se um espaço livre para julgamento das formas de se expressar através da língua materna. São tribunais alheios ao falar dos diferentes brasileiros.

5 ANÁLISE DAS POSTAGENS DA PÁGINA DO FACEBOOK “PORTUGUÊS DA DEPRESSÃO”

As redes sociais exercem forte influência na sociedade, isso ocorre pela sua capacidade de difundir regras de conduta e de moda. Nesse sentido, as redes sociais também desempenham um papel de difusão da ideia do “correto” em termos de uso da língua, gerando a noção de desvio entre as variantes populares em relação à variante de prestígio social.

A página do facebook intitulada “Português da depressão” foi criada em 11 de agosto de 2011, possui mais de 2 milhões de usuários e com uma ideia de fazer humor com postagens relacionadas à Língua Portuguesa, seja foto, propaganda ou até mesmo diálogos entre pessoas nas redes sociais.

Importante destacar o *facebook* como uma rede social completa, com a possibilidade de publicações e trocas de mensagens entre seus usuários, podendo ser acessada pelo computador ou celular.

Com o propósito de evidenciar as manifestações intolerantes e/ou preconceituosas constatadas no ambiente digital, este estudo observa os comentários da rede social Facebook na qual essas manifestações são perceptíveis.

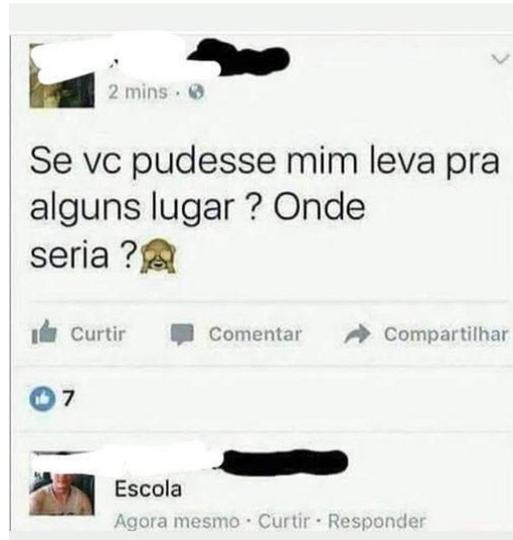
Sobre o assunto, é importante destacar:

A linguagem utilizada no Facebook é a que chamamos de internetês, que é caracterizada [...] como forma grafolinguística que se difundiu em textos como chats, blogs e demais redes sociais. Esta prática de escrita é caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão e, por isso acaba causando intrigas virtuais contra essa norma linguística existente no Facebook, o que leva ao preconceito linguístico. (SANTOS; KOWATA, 2020, p. 17)

Trata-se de uma das redes sociais mais utilizadas em evidência atualmente em caráter mundial. Serão observados *posts* e comentários presentes nesse ambiente digital. A rede social *Facebook* conta com postagens, chamadas de *Posts*, na qual as pessoas escrevem quando querem contar algo para seus seguidores. Essas postagens podem ser em forma de textos escritos, imagens, memes, *gifs* e podem ser comentadas pelos seguidores, utilizando os mesmos recursos. Por isso, dentro daquele mesmo comentário, podem existir mais e mais infinitos comentários. Essas postagens são compartilhadas por outro usuário da rede, caso a postagem esteja aberta para o público ou apenas por seguidores do indivíduo que fez a postagem.

Destacam-se algumas destas postagens, por meio da ferramenta *printscreen*.

Figura 1: imagem de *print* de postagem



Fonte: <https://facebook.com/PortuguesDadepressao/>

A figura acima postada na página “Português da Depressão”, trata-se de um print na qual o usuário fez a postagem sem nenhuma preocupação com as normas gramaticais, de concordância verbal ou qualquer outra regra ensinada nos estudos formais da Língua Portuguesa.

De acordo com Radtke, (2017, p. 1),

O preconceito linguístico em nossa sociedade é algo institucionalizado e naturalizado. Isso porque as instituições de poder, mídia e a escola, principalmente, são agências centrais de legitimação da norma culta. Na escola, por exemplo, muitas vezes a língua é tratada como um conjunto de regras a serem seguidas, onde o uso da metalinguagem se torna excessivo e os alunos terminam por desgostar da matéria de língua portuguesa, acreditando que não sabem nada de português, pois não falam conforme a norma.

No recorte apresentado acima, aparentemente o usuário quis apenas interagir com seus amigos, mas já recebe um comentário “inesperado” de alguém julgando e condenando a forma de expressão do usuário.

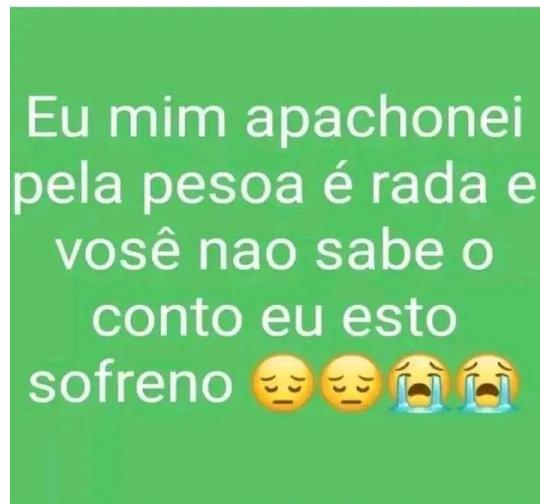
Veja que a imagem traz a seguinte pergunta? “se vc pudesse mim leva pra alguns lugar? Onde seria? O primeiro comentário foi “Escola”. Com uma única palavra classificou como erro a expressão do outro, deixando claro que o autor da postagem original não sabe usar a língua portuguesa e precisa ir à escola para aprender usá-la.

Quando a imagem foi exposta por meio da ferramenta *print* na página “Português da depressão”, a postagem recebeu centenas de comentários no mesmo sentido, ratificando o primeiro comentário. Porém, tanto os administradores da página, quanto os autores dos comentários não levam em consideração as raízes do português e que é impossível controlar a língua e suas variações, pois:

[...] as línguas estão sempre mudando. Não há ruptura entre a língua que os brasileiros falam hoje e a língua falada em Portugal antes dos descobrimentos, assim como não há ruptura entre o português do tempo dos desenvolvimentos e o romance português, ou seja, a língua românica falada no Norte de Portugal no final do primeiro milênio. (ILARI, 2006, p.18).

Veja a supervalorização da gramática normativa e conseqüente como é conduzido o estudo da língua portuguesa, é uma das ferramentas que tornam este tipo de preconceito presente no cotidiano, pois serve de base para banir outras formas de uso da língua. É importante lembrar que uma vez ensinados a partir desse modo, possivelmente os indivíduos reproduzirão estes preconceitos em todos os ambientes que participa.

Figura 2: imagem de *print* de postagem



Fonte: <https://facebook.com/PortuguesDadepressao/>

Do mesmo modo da imagem anterior, percebe-se aqui que a imagem utilizada pelos administradores da página Português da depressão fora retirada de *print* já postado em outra página do *facebook*. Nota-se a preocupação da página em relação à grafia das palavras na língua portuguesa. Ou seja, mesmo estando em um ambiente informal, como é o caso das redes sociais, o usuário precisa escrever como manda a gramática normativa, pois o contrário está errado, e tal erro pode acarretar em exposição e preconceito.

A imagem acima mostra que o preconceito linguístico conversa diretamente

com o preconceito de classe. Pessoas de classe econômica e social elevada também cometem desvios da norma padrão, no entanto estes desvios não chamam atenção da sociedade. Somente desvios marcados e já estigmatizados são os que causam efeito “estorrecedor” e geram preconceito linguístico e as consequências decorrentes do mesmo.

Sobre este assunto, declara Scherre (2005, p. 117):

Meu objetivo principal é apresentar evidências de que, em matéria de linguagem, temos tendência a rotular de erradas **PREDOMINANTEMENTE** as formas que fazem correlação estreita com classe social, mesmo que, consciente ou inconscientemente, façamos uso destas mesmas formas na fala espontânea e na escrita revisada.

Dentre os milhares de comentários sobre esta postagem, um chamou bastante atenção: **“A pessoa ten qui ce exfora muito pr a escreve assim”**. Ao que parece a pessoa domina o uso da escrita padrão, no entanto, deu-se o “trabalho” de escrever todas as palavras erradas com o intuito de mostrar que as ofensas percebidas nos espaços da Internet acontecem principalmente devido ao discurso pregado nas escolas sobre o domínio da norma padrão. Nesse caso, não se pretende excluir a norma padrão, mas conscientizar e mostrar a diversidade linguística presente na escola. Muitas vezes, o indivíduo reproduz o que está acostumado a escutar no seu próprio contexto, porém essa linguagem não é aceita e cria uma barreira com o preconceito linguístico.

Muitos usuários entendem que só porque o meio é escrito, automaticamente deve-se usar a modalidade mais formal e padrão possível da língua, o que é certamente um equívoco, pois, na internet, a língua escrita assume características que seriam próprias e exclusivas da língua falada.

As manifestações em desapeço à postagem apresentada acima, demonstra que não existe apenas o preconceito linguístico, mas sim um profundo e preconceito social aliado ao não respeito com o próximo, pois cada um dos falantes da língua Portuguesa deveriam olhar a língua dentro de sua realidade histórica cultural e social, assim como a realidade do semelhante.

Figura 3: imagem de *print* de postagem



Fonte: <https://facebook.com/PortuguesDadepressao/>

A imagem, aparentemente fora publicada pela primeira vez na página Português da depressão. Trata-se de uma propaganda feita no interior de uma loja de departamento com o objetivo de chamar atenção dos clientes para os preços das peças. No entanto, não foi o preço que chamou mais atenção, mas sim a palavra “femenina”. Segundo o português padrão está errada, o certo seria feminina, ou seja, mais uma vez valoriza-se o erro em detrimento de todos os outros elementos.

Com isso, muitos usuários fizeram chacota com a mensagem, desferiram ódio, alguns mais exaltados pediram até a demissão do funcionário.

As formas discriminadas têm um uso muito mais frequente do que se pensa, inclusive na fala e na escrita das pessoas que discriminam a língua dos outros: para dar um exemplo, muita gente ficaria surpresa ao ver quantas vezes usa, na fala, formas como ocê [por você], né [por não é?] ou construções como a casa que morei na infância [por a casa em que morei na infância], vê se você me entende [em vez de veja se você me entende] e assim por diante. Se é essa a realidade, a disposição para apontar erros na fala de outros não tem o propósito edificante de corrigi-los; é antes uma forma de excluir o outro e de reforçar uma desigualdade percebida (ILARI, 2006, p.196).

Portanto, não há um português só. É muito difícil ou praticamente impossível escrever e falar seguindo a norma padrão o tempo todo. Ocorre que alguns desvios são estigmatizados e percebidos pela sociedade, tratados como inconvenientes, e outros são aceitos ou passam despercebidos.

Figura 4: imagem *print* de postagem



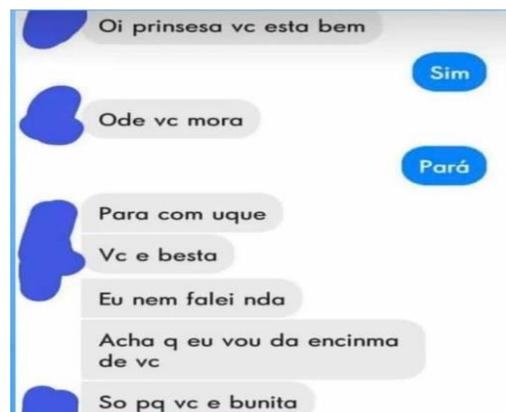
Fonte: <https://facebook.com/PortuguesDadepressao/>

Na postagem acima é apresentada a figura do presidente da Rússia, nos dias atuais uma das pessoas mais conhecida e falada, principalmente pelo cargo que ocupa. Sem querer manifestar nenhuma posição política, se pode dizer que a figura possui muitos inimigos. Talvez por isso a imagem tenha tido bastante repercussão.

Não se sabe onde originalmente a figura fora publicado, porém na página Português da depressão recebeu milhares de comentários de ódio e outros milhares de comentários fazendo duplo sentido da mensagem.

O comentário mais “curtido” pelos demais internautas foi: “só 3 anos? Ta acabado, hein?” como se a postagem tivesse dito a idade do presidente. Observe que não há como compreender que este ancião mundialmente conhecido tenha apenas 3 anos de idade. Fica claro mais uma vez a importância com as regras da norma culta e não se a mensagem foi passada.

Figura 5: imagem *print* de postagem



Fonte: <https://facebook.com/PortuguesDadepressao/>

Na figura mostrada houve um mal entendido em determinada conversa feito por meio de aplicativo por causa do acento agudo, um sinal gráfico usado para indicar a sílaba tônica com som aberto em determinadas palavras. No estudo da gramática normativa, há regras específicas para seu uso de acordo com cada palavra. O acento agudo é um sinal gráfico que aparece acima das vogais para indicar a sílaba tônica e um som aberto.

No diálogo exposto, um interlocutor pergunta ao outro onde ele mora, e como resposta tem “Pará”, fazendo referencial ao Estado do Pará. Porém, o interlocutor entende de outra forma, entende como um pedido de parar o diálogo e segue mostrando irritação com a situação.

A forma verbal “para” é conjugada do verbo parar na 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo (ele para) ou na 2.^a pessoa do singular do imperativo (para tu). Enquanto que Pará é substantivo próprio, pois se trata de nome de um estado brasileiro.

Se a grafia da palavra impossibilitou a continuação do diálogo, por outro lado promoveu muitos comentários na página. Muitos outros internautas se acham no direito de desprezar.

Note que além da incompreensão ou mesmo a não aceitação das questões envolvendo a comunicação e a variação linguística, há outra questão que dá margem à discriminação linguística na internet, é a confusão entre a língua escrita e oralidade. Esta confusão é verificada.

Ao que tudo indica, os internautas estão sempre ávidos por algo que possa ter críticas, colocando-se assim em posição de superioridade muitas vezes sem nenhum fundamento, apenas pelo prazer da crítica e a proteção oferecidas pelas redes sociais.

Figura 6: imagem *print* de postagem



Fonte: <https://facebook.com/PortuguesDadepressao/>

A ilustração mostra um diálogo feito supostamente em um restaurante e a tirinha fora feita exclusivamente para provocar discussão sobre o “correto” uso da língua. Veja um artista desenvolvendo seu trabalho para tercer uma crítica àqueles que não fazem distinção da diferença entre comprimento e cumprimento, de acordo com as regras de ortografia do português padrão.

É fácil compreender que o cliente queria manifestar seu contentamento com o sabor da comida ou pela apresentação do prato ou ainda pela forma como fora atendido. Jamais desejaria informar sobre suas características pessoais, como a sua altura. No entanto, o autor da ilustração quis de forma desvelada tercer crítica a quem confunde o significado e pronúncia das palavras cumprimento (saudação a alguém; cumprimentar uma pessoa), com comprimento (dimensão, tamanho, extensão).

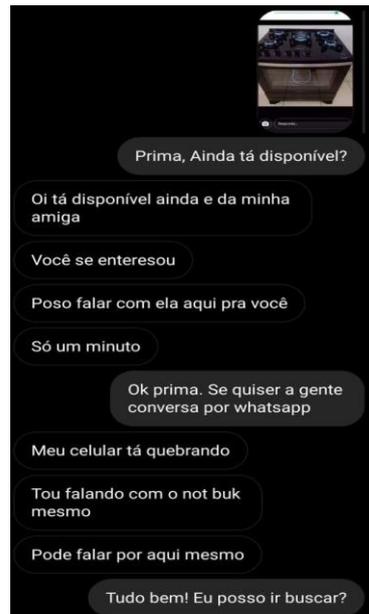
A figura representa muito bem a página Português da depressão, mantida exclusivamente para criticar quem comete deslizes com o uso da língua portuguesa oficial, ou seja, uma rejeição de linguagens que fogem da norma padrão, resultando a ridicularização das formas de falar das pessoas.

Neste sentido, destaca Pimentel, (2016, p. 741):

A “defesa” da língua é um empreendimento sempre abraçado por pessoas que se decidem a (re)agir contra usos linguísticos que a seu ver ameaçam “assassinar”, “deturpar” ou ainda fazer “regredir” o idioma. No âmbito da Internet, essas iniciativas corporificam-se em sites e blogs e aplicativos de diversas naturezas. Para mencionar apenas o Facebook, aí é possível localizar uma diversidade de “grupos” e “páginas” que se dedicam a fornecer dicas de usos “corretos” da língua ou ainda a denunciar, corrigir e ridicularizar “erros” frequentes nas redes sociais, no ENEM e em diversas outras instâncias de uso da linguagem.

Por outro lado, essa defesa incondicional da língua precisa ser discutida. Inicialmente, quem teria legitimidade para exercê-la ou ainda quais as consequências dessa defesa, somando-se, quem defende a língua portuguesa padrão faz o que para ela ser usada por todas as classes sociais?

Figura 7: imagem *print* de postagem



Fonte: <https://facebook.com/PortuguesDadepressao/>

Pela forma como se apresenta, trata-se de uma conversa entre duas pessoas com uma ligação familiar. O motivo de chacota foi um termo trazido da língua inglesa, portanto um estrangeirismo que um dos interlocutores “aportuguesou” *note book*, escreveu “not buk”, forma como ouve a pronuncia do termo.

Sobre as imagens e as mensagens, importante destacar que embora as construções linguísticas apresentadas não tenham sido escritas conforme as regras da Gramática normativa vigente, trazem informações compreensíveis para qualquer falante da língua que domine a habilidade da leitura.

Tais exemplos refletem o modo de falar de pessoas que provavelmente não experimentaram muitos anos de instrução formal, ou até mesmo não se dedicaram a rever sua mensagem e reproduzem na escrita a forma como falam.

Deve-se ter em mente que essas construções carregam consigo a identidade linguística da classe social de menor poder aquisitivo. No entanto, a partir do momento em que essas construções surgem em postagens nas redes sociais com a intenção de fazer zombaria, tornam-se uma forma de opressão social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento da globalização e a popularização do acesso às redes sociais, fica mais evidente, sobretudo, na atual conjuntura social e política, a existência de uma polarização de atitudes e ideias, mostrando uma onda de conservadorismos e discursos motivados pela intolerância e preconceitos como o modo de viver e de se expresar do outro.

Atualmente com as formas de comunicação digital, o preconceito linguístico está totalmente ligado à questão mais abrangente, envolvendo não só a língua como identidade do sujeito, mas o seu valor social enquanto membro da sociedade. O preconceito linguístico é algo sempre visto de cima para baixo, ou seja, uma norma implantada pela classe mais favorecida que exclui todas as outras formas de saber e de falar.

Neste sentido, o preconceito linguístico e as postagens na página em observação, importam concluir sobre a postura dos idealizadores da página. Ao que tudo indica, estes lançam as publicações para discussão, porém não ofertam nenhum direcionamento para o debate. Muitos comentários alimentam a discriminação social a partir da linguagem. Em linhas gerais, a página se dedica a fazer piada com o que considera “erro de português” encontrado seja nas redes sociais ou em outros ambientes. É alarmante pensar como a página possui um potencial muito grande em promover o preconceito linguístico, sendo o mesmo um reflexo do ensino de língua portuguesa nas escolas, na qual o aluno raramente tem acesso aos conceitos de língua e de suas variedades.

Por outro lado, chama-se a atenção ao modo de como essas páginas aproveitam sua audiência para divulgar e reiterar o preconceito linguístico. Parece que o sucesso de um *post* sobre esse tipo de preconceito já é dado por certo, garantindo o humor e diversão para muitos.

Importante refletir sobre a proteção da fonte do material usada nas postagens. A página Portugues da depressão não mostra a fonte de onde retirou o material para as tais postagens. Muitas vezes, conversas feitas de modo íntimo e privadas são publicadas, e são os próprios amigos das vítimas que fazem e enviam os *printscreen* para divulgação. Ou seja, protegidos sob o anonimato, esses indivíduos traem a confiança de seus amigos, divulgando conversas pessoais.

Por fim, não se prega o desrespeito à língua como se pode pensar

quando se tenta combater o preconceito linguístico, muito menos que a internet seja um espaço sem regras, onde cada um escreveria da maneira que quisesse, mas sim, como em qualquer outro aspecto da vida em sociedade, há lugares onde a exigência da norma padrão não é requisitada, ou seja, uma variante poderá ser usada, sem acarretar algum tipo de prejuízo para o processo de comunicação.

Portanto, não faz sentido excluir a participação de determinadas pessoas por esse motivo. Talvez desse modo haja uma valorização da riqueza linguística do país, bem como a diminuição de desigualdade e exclusão, pois em um mundo cheio de preconceito, é importante lutar contra essa prática a qual as redes sociais estão inclusas.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz?. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Português brasileiro?** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? 49.ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico. **Revista Presença Pedagógica**. V. 14, n.79, jan/fev. 2008.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.
- BEZERRA, B. G.; PIMENTEL, R. L. **Normativismo linguístico em redes sociais** digitais: uma análise da fanpage Língua Portuguesa no Facebook. Trab. linguist. apl. [online]. 2016, vol.55, n.3, pp.731-755. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132016000300731&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 de Abril de 2022v.
- CASTELLS, Manoel. **A Sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CESÁRIO, M. M.; VOLTRE. In; Martetolla M. E.. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COELHO, I. **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2010.
- COSCARELLI, Carla Viana. (org.). Tecnologias para aprender. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 192 páginas, 2016.
- DICIONÁRIO ONLINE . Disponível em: <http://www.dicio.com.br/preconceito/>. Acesso em: 20 de dez. de 2021.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008
- FIGUEIREDO, Cândido. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 10. ed. Lisboa, 1945
- GERLALDI, Wanderley. et al. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- GRIEBLER, Gustavo. Pierre Lévy: **as novas tecnologias e a virtualização do mundo humano**. Disponível em: <http://sites.setrem.com.br/stin/2012/anais/Griebler.pdf> . Acesso em: 30 nov. 2021

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente**. São Paulo: Contexto, 2005.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Yone; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LIMA, F.E.L. **A variação linguística em sala de aula**: mote para uma superação do preconceito linguístico. Currais Novos, 2019.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1979.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. 2. ed. Tradução Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MCLUHAN, FIORE, Q. **O meio é a mensagem**: um inventário de defeitos. Tradução Julio Silveira. Rio de Janeiro: Imã, 2011.

MONTEIRO, L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2002.9.ADTKE, Natália G. "Seja Menas": um estudo sobre o preconceito linguístico. Pelotas: UCP, 2007

PIMENTEL, Renato. **Um estudo sobre hibridização e agrupamento de gêneros no facebook**. Recife: UFP, 2016.

PORTUGUÊS DA DEPRESSÃO. Disponível em: <https://.facebook.com/pg/PortuguesDadepressao/photos>. Acesso em 10 de jan. 2022.

SANTOS, Yasmim teles dos; KOWATA, Elisabete Tomomi. **A presença do preconceito linguístico no facebook**: análises iniciais. 2020.

SANTAELLA, L. Da Cultura das mídias à cibercultura; a invenção do pós-humano. **FAMECOS**, Porto Alegre, n 22, p. 23-32, dez. 2003

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005..

SOARES, Magna. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social, 17. ed. São Paulo: Ática, 2000.